

# GRAMATICALIZAÇÃO DE *AFINAL* NO PORTUGUÊS EUROPEU: PADRÕES FUNCIONAIS E INFORMATIVIDADE

Renata Barbosa Vicente (PG-USP)

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

**Resumo:** A proposta deste trabalho é discutir os deslizamentos funcionais operados pelo item *afinal* no português europeu e verificar se as motivações quanto ao estatuto funcional na articulação tema-rema seriam ditados pela necessidade de expressividade ou de compartilhamento de informações.

**Palavras-chave:** gramaticalização; mudança gramatical; tema-rema.

## **Apresentação**

No modelo de interação funcionalista de Dik (1989), o papel do interlocutor é muito importante, e a informação comunicada ganha relevância quando analisada do ponto de vista do efeito causado.

Como da situação comunicativa fazem parte informações pragmáticas do falante e do destinatário num jogo de antecipação/reconstrução de formas do falante e construtos do destinatário, não se pode ignorar numa situação de análise que a intenção e interpretação estabelecem-se condicionada por essa tensão estabelecida a partir de uma expressão de lingüística.

Essa é a razão suficiente para aproximar o modelo de interação dikiano da cognição. Nesta última perspectiva de análise, a cognitivista, Cabral (2005) ratifica que tanto em textos orais quanto escritos, não difere o momento inicial da comunicação, que parte sempre de uma volição, intencionalidade e pela motivação oferecida na situação comunicativa. Assim, fala-se e escreve-se para “convencer, informar, mudar o comportamento de alguém, produzir um efeito estético, de contornar as dificuldades de uma memória capenga e assim por diante”. Entram, como etapas prévias à atualização da informação, a adequação dos esquemas, o conhecimento de mundo e enciclopédico, bem como o conhecimento compartilhado. Segue-se o planejamento nem sempre consciente pressionado pelas intenções pragmáticas e pelo gênero textual. A competência comunicativa limaria o leque de escolhas. É o embricamento de cognição e linguagem.

O passo seguinte é o que mais de perto nos atinge para esta análise seminal: **a linearização ou estruturação sintáticas**. Para essa tarefa, novamente entraria o conhecimento de mundo, competência, esquemas cognitivos. Perguntamo-nos, então, a que se deve a anteposição frasal do item *afinal* no português escrito, uma vez que todo o processamento de escrita já foi previamente formulado e revisado na situação de publicação do gênero textual analisado nesta comunicação: o texto jornalístico.

Caracterizam-se os textos que compõem o *corpus* como uma combinação de informações sobre fatos segundo várias perspectivas, podendo manifestar em alguns pontos da articulação textual o posicionamento crítico e a apresentação de opinião, sobretudo conclusiva. São materiais de língua portuguesa reunidos em *corpus* denominado CETEMPúblico (*Corpus* de **Extractos** de **Textos Electrónicos MCT/Público**), que contém aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, organizado pelo projecto *Processamento computacional do Português* – que originou a *Linguateca* – após a assinatura de protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) português e o jornal *Público* em 2000.

A partir da análise das ocorrências, identificamos dois padrões funcionais de *afinal* na variedade europeia escrita: o *seqüenciador* e o *argumentativo*. No primeiro padrão funcional – o *seqüenciador* – o item apresenta um emprego mais concreto e, mesmo empregado numa ordenação lógica de fatos e idéias, ainda sinaliza concretamente sua ordem na seqüência apresentada (o último argumento, fato ou idéia):

(1) A visita de James Baker mostrou pela agenda do diplomata que o centro já não faz sentido e que afinal os Estados Unidos não se haviam precipitado ao declararem domingo, como os membros da CEI, que a URSS já não existia.

Note-se que, no português europeu, a expressão há o emprego bastante recorrente do item **ao final**, que não será analisado neste trabalho, por entendermos que é um anterior à gramaticalização de *afinal*. A aproximação, recorrência e, depois, incorporação da preposição ao item provocou a reanálise da expressão, que assume rota distinta da que exploramos neste trabalho. A título de ilustração, contudo, observamos que, em 99% dos casos, a expressão *ao final* vem antecedida pela preposição *até* e sucedida pela preposição *de*, por sua vez seguida de uma expressão *de tempo* (em sua maioria) ou *espaço* (eventualmente):

a) tempo: até ao final do ano, até ao final da manhã, dentre outras expressões, como em (2) e (3).

b) espaço: até ao final do corredor, em que a expressão citada é sucedida por uma informação locativa, como em (4).

(2) Este ciclo, a iniciar muito brevemente, deverá ser cumprido até *ao final* do próximo ano.

(3) Por outro lado, até *ao final* de 1991 o BNU tinha prestado 292 garantias a favor do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, para a liberalização prévia de incentivos concedidos por este instituto.

(4) Às 8h26 chegámos ao final do tabuleiro metálico.

Houve um choque em cadeia, envolvendo quatro viaturas, mas não é isso que engarrafa o trânsito -- do lado contrário, no sentido norte-sul, a velocidade é a mesma.

Por entendermos que esses exemplos refletem outra dinâmica de mudança optamos por excluí-los desta exposição.

O segundo padrão funcional, *argumentativo*, revela um movimento para a esquerda e conduz o leitor à avaliação e conclusão sobre toda a argumentação previamente apresentada, tal como observado em (5) e (6):

(5) Descargas do Pão de Açúcar de Cascais incomodam moradores. O ruído do consumo. Ana Fernandes. Um vizinho do Pão de Açúcar de Cascais já não aguenta ouvir as descargas do supermercado. Queixas atrás de queixas, foi conseguindo umas vitórias. Agora, porém, tudo esbarrou num muro que a empresa diz ser a solução mas que o vizinho não aceita. **Afinal, parece que consumir fura os tímpanos.**

(6) YOUNG GODS Play Weil (Play It Again Sam). Os adeptos da face mais ligeira da colaboração de Kurt Weil com Bertolt Brecht devem odiar esta revisão «hard-core» do seu repertório, como as incursões dos Young Gods pela música de circo e «vaudeville» não devem ter feito a felicidade dos adeptos da sua vertente mais industrial. **É um disco pouco indicado para amantes de ortodoxias, o que, de modo algum, o torna inconsistente, tratando-se afinal de uma vanguarda actual, que revisita à luz dos seus próprios princípios outra vanguarda, que a antecedeu sob vários aspectos.**

Esses dois padrões funcionais (seqüenciador e argumentativo) serão tomados para análise neste trabalho. Na primeira seção, investimos na discussão e análise da articulação tema-rema especialmente no que se refere ao movimento dessa articulação durante o processamento comunicativo. Na segunda seção, procederemos de forma similar com o par fundo/figura, a fim de checar sua importância na explicação da mudança do item *afinal* de advérbio > operador argumentativo. Ao final, tecemos algumas considerações sobre os resultados alcançados com a análise empreendida.

## 1. Articulação tema-rema e a rematização de *afinal*

Desde o início do século passado, muitos estudos retomaram a articulação tema-rema, que revela a ordem dos constituintes esperada por motivações sintáticas. Essa ordem, contudo, pode ser alterada por motivações funcionais.

O tema refere-se à porção informativa compartilhada entre interlocutores e, invariavelmente, ocupa a primeira posição da sentença. O rema, por sua vez, equivale à porção informativa que contém a novidade, daí seu maior grau de imprevisibilidade.

As estratégias sintáticas de alteração dessa articulação podem ser empregadas por um e outro interlocutor a depender de todos aqueles elementos já explanados por Dik em seu modelo de interação comunicativa, os quais podem ser representados, a título de ilustração, pela bagagem pragmática dos envolvidos na situação comunicativa, a situação como um todo e as intenções do falante.

Koch (2000) reconhece que critérios como grau de integração sintática do enunciado, procedimentos lingüísticos para realizar os deslocamentos sintáticos e funções discursivas das construções (efeito no interlocutor) afetam de forma relevante a compreensão do assunto. O resultado disso é que uma tentativa de analisar a articulação tema-rema de modo mais eficiente seria concebê-la como um processo.

Dessa forma, teríamos *tematização*, como o processo derivado da seleção de um elemento que o falante deseja ativar ou reativar na memória do interlocutor para apresentar na seqüência da fala algo que considera desconhecido pelo seu interlocutor, algo que deseja enfatizar ou algo que permite estabelecer um contraste fundamental. Complementarmente, teríamos a *rematização*, como o processo de que resulta a anteposição de um rema com vistas à expressividade e, por isso mesmo, se presta a denunciar o envolvimento do falante com o assunto e com o interlocutor.

Na passagem de advérbio a operador argumentativo, o item *afinal* passa a sinalizar o envolvimento do falante com as posições assumidas em seu texto. Revela uma maior expressividade e, a depender do item selecionado, pode conduzir o interlocutor a inferências positivas com relação à sua formação escolar mais graduada. Assumimos, com base nesse encaminhamento, que o item *afinal* é submetido a um processo de rematização ao se recategorizar como operador discursivo. Koch (2000) identificou os seguintes casos de rematização.

- a) expressões tematizadoras: quanto a, no tocante a, no que diz respeito a, com referência a, por falar em, a propósito de;
- b) construções com tema marcado (topicalização clássica);

c) construções com tema livre (*tema pendens, hanging topic*) antecedendo uma seqüência oracional, sem explicitação do nexos sintático;

d) construções com deslocamento de um elemento do enunciado para o final.

A direção do processamento sintático é categórica para esse item nessa função, qual seja, da direita para a esquerda. Esse movimento sintático leva o interlocutor a tomar conhecimento da priorização temática do falante.

Segundo Koch, as segmentações são meios de remediar os inconvenientes da linearidade da fala, hierarquizam unidades lingüísticas, constituem marcas da inscrição do enunciador no discurso, distinguem posto do pressuposto, mostrando, assim, sua relevância na construção e compreensão do texto.

O lugar de impor essa estratégia de rematização é também categórico, posto que a passagem de um segmento tópico argumentativo a outro conclusivo denota iconicamente o fecho textual, o momento da ‘amarração’ textual. Nesse sentido, os recursos sintáticos demandados são determinados por fatores discursivo-pragmáticos, em que a sintaxe atua como ferramenta de adequação, de formatação verbal. Observe-se, a título de ilustração, o exemplo (7):

(7) Afonso Dhlakama também viajou até Lourenço Marques em 1974, para frequentar um curso intensivo de contabilidade no centro militar de Boane. Regressou à Beira no ano seguinte, já como comandante provincial da Intendência Militar em Sofala. Terá sido por esses dias que travou amizade com o comandante André Matsangaíssa, que dirigira um pelotão da Frelimo na serra da Gorongosa durante a guerra e se encontrava como responsável provincial da Engenharia Militar. **Muita coisa os unia, afinal.** Ambos eram ndau, veteranos da guerrilha e oficiais do novo Exército. Ambos estavam descontentes e frustrados com a orientação que o jovem país tomava.

Em (7), é possível perceber o processo de rematização marcado pelo *afinal*, que se desloca para a última posição da sentença, conferindo maior expressividade a toda a informação previamente apresentada. Diferentemente dos exemplos (2) e (3), em que os enunciados são marcados por uma delimitação temporal.

## 2. Movimento e distinção entre figura e fundo

Uma seqüência sintática pode contribuir parcamente para a linha de desenvolvimento principal de uma idéia (no texto argumentativo) ou de um fato ou evento (no texto narrativo), embora assumam forte relevância para a interlocução. O par

*fundo/figura* presta-se como ferramenta interessante para a análise das informações encadeadas sintaticamente com relação ao seu peso informativo no discurso.

Sabemos que, numa abordagem funcionalista, a distribuição das informações num texto é determinada, em grande medida, pela perspectiva assumida pelo falante. Num monitoramento face-a-face, o interlocutor transmite pistas sobre seu entendimento, sua disposição em continuar ocupando o espaço de interlocução dentre outras tantas informações.

Ao se inserir numa moldura enunciativa, o falante também assume um contrato com o gênero textual previsto para a situação. Essa produção sócio-comunicativa será pressionada por fatores, como conteúdo, forma e duração do evento de fala ou escrita. Outro fator não menos relevante é a projeção que o falante faz sobre seu interlocutor na cena comunicativa, assim colocando em evidência, enfatizando os pontos de interesse discursivo.

Neste ponto da análise, pode-se questionar se *fundo* (informação menos densa e relevante para a linha principal de informações no texto) e *figura* (informação mais densa e importante para a linha temática principal do texto) poderia se associar à informação velha (tema) ou à informação nova (rema). Para desenvolver esse raciocínio, observemos o exemplo (8):

(8) A incógnita estava apenas em saber se vinha também o guarda Abel, e ele lá esteve, mostrando-se bastante familiar à direcção gilista. As relações de amizade que ligam os dois clubes estiveram ontem bem patentes, com a realização de um jogo de futebol de salão entre as duas direcções. Os gilistas, tal como nas Antas, na primeira volta, venceram, desta vez folgadoamente. No entanto, alguns espectadores não alinharam na camaradagem directiva e, durante a partida, ensaiaram por diversas vezes cenas de pugilato nas bancadas e na superior. Para alguns adeptos do Gil o FC Porto devia dar a mão ao seu clube, enquanto para os portistas a honestidade e a legitimidade desportiva estavam acima de tudo. **Afinal, parece ter havido muita gente que não entendeu que a amizade entre os dois clubes não se pode estender às quatro linhas.**

O texto começa com a tese inicialmente apresentada de que “as relações de amizades que ligam os dois clubes ficaram patentes na noite citada” e encerra-se com a conclusão de que “as relações de amizades entre os dois times existem somente fora do campo de futebol”. Entre essas duas informações “co-referentes” está uma série de argumentos baseados em fatos ocorridos durante um jogo de futebol. À medida que a informação é retomada, nota-se o encaminhamento de seu caráter conclusivo.

Se aplicamos a articulação tema-rema à macro-estrutura textual, notamos que a informação nova (rema) encontra-se alojada na tese e é, depois retomada de muitas formas por ratificações factuais. Ao final do texto, o autor apresenta um trecho com estatuto de informação compartilhada (tema). Verifica-se, assim, que a o texto tipologicamente rotulado de ‘dissertação’ articularia as informações numa articulação rema-tema, tornando mais expressiva sua argumentação.

Ao mesmo tempo, todas as informações consideradas mais convincentes numa dissertação estão alojadas em sua argumentação. Sem esse espaço denominado *desenvolvimento* não se teria o bom andamento do texto dissertativo. No entanto, esse é espaço do desdobramento temático (fundo), logo seria esse o espaço das relações de redundâncias textuais. As relações lógicas, por seu turno, estariam essencialmente presentes na conclusão do texto, onde se condensaria a tese sustentada por seus argumentos, o que remeteria ao espaço da explicitação figura.

Se, à luz da articulação tema-rema, *afinal* sinaliza a chegada da informação compartilhada (tema), à luz da articulação fundo-figura, esse mesmo item estaria alojado nas relações lógicas (figura), marcando o ponto de encerramento do raciocínio e também de completude do texto.

### **Considerações finais**

Tal como em toda estrutura dissertativa, o *locus* da retomada, da amarração ideológica do texto é o último parágrafo. Num processo de desenvolvimento textual, numa abordagem cognitiva, em estratégias de convencimento, os argumentos vão pouco a pouco convencendo o interlocutor. O ponto de tomada de consciência desse convencimento é exatamente o último trecho do texto; tal como operando com *insights*, nesse tipo de texto, o *insight* é induzido.

Nota-se, com base no encaminhamento das discussões e da análise dos dados, que os conceitos de *fundo* e *figura*, muito empregados nos estudos sobre semântica e sobre discurso, fornecem pistas importantes também para o trabalho que visa à descrição sintática, bem como oferecem pistas do deslizamento funcional operado pelo item sob análise.

Sobre a rematização de *afinal*, torna-se primordial para que a compreensão do leitor se faça. Só a presença do elemento *afinal* é capaz, de imediato, de proporcionar a

leitura até instrumental de que o encadeamento sintático subsequente será a conclusão, cujas bases já foram articuladas nos parágrafos anteriores.

Com relação à frequência, consideramos que, se tomarmos em conta a frequência *token*<sup>1</sup>, veremos que a depender do gênero textual, pode ou não ocorrer o item *afinal*, mas é condição *sine qua non* o tipo argumentativo. Como os textos jornalísticos que compuseram a amostra revelam seu caráter de convicência, a recorrência de *afinal* é significativa.

Fica pendente para investigação futura a avaliação da frequência *type* a fim de que possamos reconhecer a relevância frequencial dos padrões funcionais de *afinal*. Hipotetizamos, contudo, que os resultados de uma análise desse tipo ratificariam o resultado descrito neste trabalho, justamente porque o padrão funcional “operador argumentativo” tende a ser mais recorrente do que os demais padrões funcionais do item. Essa hipótese, contudo, pode ser quebrada se não se tomar em conta o tipo de texto para a constituição da amostra, exigência importante para a recorrência de operadores argumentativos.

### **Referências bibliográficas**

CABRAL, Leonor Scliar. Linguagem e cognição no processamento verbal. In: MIRANDA, Neusa Salim & NAME, Maria Cristina (orgs.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005 (pp. 211-219)

CETEMPúblico Versão: 1.0 (25 de julho de 2000). Disponível em <http://acdc.linguatca.pt/cetempublico>.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Tematização e rematização no português falado no Brasil. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHONBERGER, Axel (eds.) *Estudos de linguística textual do português*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 127-148.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *A interface Sociolinguística/ Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

---

<sup>1</sup> Conforme Lima-Hernandes (2005), a frequência *token* equivale à contagem global de ocorrências de uma forma independentemente de seu estatuto funcional. Já, frequência *type* exige que se leve em conta na contagem o padrão funcional.